

QUAL O LUGAR DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO NA FORMAÇÃO INTEGRAL DA JUVENTUDE?

Joseane Maria da Silva Santos- Universidade Federal de Pernambuco-

Joseane.maria@ufpe.br

Carla Cristina de Moura Cabral- Universidade Federal de Pernambuco-

carlynhaufpe@hotmail.com

Eline Aparecida da Silva Lima- Universidade Federal de Pernambuco-

Eline.lima@ufpe.br

INTRODUÇÃO AO PROBLEMA

O presente trabalho busca tecer um diálogo crítico-reflexivo sobre os limites e possibilidades do Ensino Médio Integrado- EMI ofertado no Instituto Federal de Pernambuco para a formação integral dos sujeitos desta instituição. Trata-se de uma pesquisa em andamento, em nível de doutorado, que busca apreender seus limites e possibilidades para a melhoria da qualidade da educação básica ofertada à juventude brasileira, no contexto atual marcado pela disputa de projetos antagônicos e que culminou na recente “reforma” do ensino médio.

Os jovens muitas vezes são vistos apenas na sua dimensão de aluno/estudante aparecendo como um dado natural e não como uma construção social. (LEÃO; DAYRELL e BATISTA DOS REIS, 2011). Juventude, entretanto, é aqui neste trabalho entendida mais que uma concepção naturalista, biológica, mas que incorpora aspectos sociais para além de uma condição homogênea. Uma juventude que não é genérica, mas “juventudes”, pois a forma como é experimentada é condicionada às dimensões do tempo, do espaço e dos sujeitos.

A juventude que estamos analisando é a juventude trabalhadora que busca no ensino médio integrado e na escola pública um espaço para alcançar a realização de seus objetivos pessoais e profissionais, ou seja, de seus projetos de vida (ou de futuro). Embora muitos jovens tenham se distanciado da escola, é fato que muitos ainda continuam a buscá-la.

DESENVOLVIMENTO

A educação no Brasil apresenta historicamente uma dualidade estrutural, uma vez que foi desenvolvida uma nítida demarcação da trajetória educacional dos que iriam desempenhar as funções intelectuais ou instrumentais, o pensar e o fazer. O ensino médio retrata de forma muito nítida esta dualidade e as disputas em torno do seu projeto retratam o embate pela hegemonia dos objetivos da educação do país. (ARAÚJO, 2019). Isso porque é no ensino médio que convergem os esforços empreendidos nas etapas e modalidades anteriores. Trata-se de uma disputa em torno do próprio projeto de educação do país.

Analisando a possibilidade da escola unitária na sociedade capitalista, ancorado em autores ligados à temática trabalho e educação e defensores da escola unitária, Oliveira (2009), nos leva a refletir sobre a relação estabelecida entre a escola e o mundo do trabalho e os rebatimentos de uma formação estruturada a partir de uma imposição de mercado e não de um projeto educacional cujo objetivo seja a formação humana em suas múltiplas dimensões. Seria mesmo possível a escola unitária sem o fim do capitalismo? O ensino médio integrado embora representa a realidade possível da escola unitária no contexto do capitalismo, cuja proposta educativa se contrapõe à histórica dualidade do sistema educacional brasileiro, que em última análise é reflexo da própria sociedade classista, excludente e segregadora.

Gramsci (1891-1937), pensador marxista italiano, ao direcionar seu olhar para a organização da cultura- e, por conseguinte, para as instituições escolares- traz à tona a hegemonia cultural como limite teórico prático para o movimento contra hegemônico. Embora não estejamos falando de uma total submissão/subordinação a esta lógica, pois como já afirmava Gramsci é no interior da superestrutura (nos aparelhos ideológicos de Estado) que se dá a contradição e os possíveis espaços de transformação.

Sempre houve o movimento de captura das subjetividades, essa afirmação a princípio não traz nenhuma novidade, mas importa ressaltar que no tempo presente isso se intensificou. No contexto escolar, a disputa do currículo, a ilusão do poder de escolha e de construção dos projetos de vida, a internalização de sua posição social e adequação de condutas esperadas para cada classe social tudo isso se constitui formas de subsunção das consciências. “Nesse sentido, a dominação e a reprodução do sistema materializadas

nas escolas ocorrem através das práticas de dominação exercidas pelos próprios dominados, embora não se apercebam disso.” afirma Oliveira (2009, p. 154).

O projeto da escola unitária com formação politécnica é definido enquanto projeto de escola pautada em outras lógicas formativas antagônicas a do capital. A idéia da escola politécnica é de uma escola que forme o indivíduo em suas múltiplas dimensões. Como resultante da hegemonia do projeto de escola burguesa Oliveira (2009, p. 155) discorre que

a formação ampla do educando, tão defendida nos debates na área de trabalho e educação, não encontra acolhida entre os sujeitos que procuram a escola. Nada, por si só, tem um valor *a priori* se o seu conteúdo não tenha uma efetividade imediata em relação à sobrevivência econômica do indivíduo. O valor das coisas não se define por um devir em um tempo não sabido. O valor está naquilo que responde de imediato a um anseio, cada vez mais de cunho individual e cada vez mais de caráter econômico.

Ter uma formação economicamente viável em detrimento da formação ampla, entendida na última “reforma” do ensino médio como “livresca”, desinteressada e que não atenderia às necessidades dos mais pobres, representa obter capital humano através da aquisição do saber que, teoricamente, pode ser transformado em mercadoria.

Na contramão da profissionalização precária e compulsória do ensino médio, defender a possibilidade, na educação profissional, da integração com a educação básica é entender que diante da necessidade mediata de profissionalização de segmentos das classes subalternas, esta profissionalização se dando de forma integrada, ou seja, sem descuidar de uma formação geral, amplia as possibilidades de ser/estar no mundo destes sujeitos.

Os limites para efetivação da escola unitária/politécnica, todavia, está no próprio modelo da sociedade atual e não encontra o necessário apoio nas classes populares, resultante da hegemonia cultural da classe dominante. Isso não significa que consideremos a escola uma instituição redentora, responsável por si só por impulsionar os processos de transformação desse sistema excludente de produção, mas reconhecê-la enquanto elemento fundamental para a construção de uma contra-hegemonia, espaço de contradição.

CONCLUSÕES

Então qual o papel da escola dadas as suas limitações? Seria necessária uma mudança na realidade material, para depois termos mudanças na escola? O que se vislumbra é a possibilidade de uma escola diferente, comprometida com a formação de sujeitos engajados com a realidade social e política. A existência de uma escola que prime por estes valores requer que estes sejam pactuados em outros espaços de formação.

Autores cujos trabalhos se debruçaram sobre o EMI, tais como Tenório (2021); Caú (2017) e Vasconcelos (2015), encontraram resultados semelhantes evidenciando uma conformidade à lógica do mercado, baseado na aquisição de competências, predominando essa intencionalidade formativa sobre a formação integral. Constataram ainda que o projeto de vida desses jovens, apesar de não ser controlado, pode ser redimensionado a partir de experiências que favoreceram a ampliação dos conhecimentos e sua elevação cultural. Entretanto não devemos ignorar o potencial da proposta pedagógico-curricular do EMI, apesar das limitações para efetivação, dos pressupostos que fundamentam este modelo.

Por fim, podemos afirmar que a juventude trabalhadora busca na escola pública de qualidade um espaço para alcançar a realização de seu projeto de vida sendo o EMI um espaço profícuo para o alcance destes objetivos que vai para além do ingresso precoce no precário mundo do trabalho.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. **Ensino Médio Brasileiro: dualidade, diferenciação e desigualdade social**. Cadernos de Pesquisa, v. 26, n. 4 out./dez., 2019.

CAÚ, J. **A juventude do curso técnico integrado em agropecuária do IFPE: desejos, expectativas e experiências vivenciadas para construção do seu projeto de vida**. 2017.

LEÃO, G.; DAYRELL, J.; BATISTA DOS REIS, J. **Juventude, projetos de vida e ensino médio**. Educação & Sociedade, v. 32, num. 117, out-dez, 2011, p 1067-1087. Centro de Estudos Educação e Sociedade. Campinas: Brasil.

OLIVEIRA, R. **A possibilidade da escola unitária na sociedade capitalista**. Cadernos de Educação FAE: UFPEL. Pelotas vol. 32 páginas 141-160, jan-abr 2009.

OLIVEIRA, R.; SILVA, A. Projetos de vida no Ensino Médio: O que os jovens nos disseram? Revista E-currículo, São Paulo, v. 19, n. 03, p. 1263-1286, jul./set. 2021.

TENÓRIO, R. Contribuições de Gramsci e Freire à formação humana integral: reflexões sobre o Ensino Médio Integrado à Educação Profissional. 2022.

TORRES, C. Experiência formativa e inserção no mundo do trabalho de egressos no ensino médio integrado. 2020.

VASCONCELOS, R. Um olhar sobre a prática docente no ensino médio integrado em uma unidade da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica em Pernambuco. 2015.